

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O PRECONCEITO ENTRE ALUNOS DE PSICOLOGIA

AN EXPLORATORY STUDY ON PREJUDICE AMONG PSYCHOLOGY STUDENTS

Andrinea Cordova da Rosa¹

Angela Rockenbach²

Francielli Comiran³

Patrícia Cristina Hoffmann⁴

Eduardo Alexandre Ribeiro da Silva⁵

ROSA, A. C.; ROCKENBACH, A.; COMIRAN, F.; HOFFMANN, P. C.; SILVA, E. A. R. Um estudo exploratório sobre o preconceito entre alunos de psicologia. *Akrópolis*, Umuarama, v. 16, n. 3, p. 179-191, abr./jun. 2008.

RESUMO: Esta pesquisa faz uma discussão sobre o fenômeno do preconceito, bem como a maneira com que este é compreendido nas diversas áreas do saber humano, suas formas e manifestação. O objetivo deste trabalho foi compreender se os acadêmicos do curso de Psicologia manifestam algum tipo de preconceito com relação a gênero, classe social, raça, orientação sexual e profissionais do sexo. Esta proposta dá-se, fundamentalmente, por ser reconhecida a importância de se rever posturas preconceituosas por parte dos futuros profissionais de Psicologia, já que isto pode interferir em sua atuação profissional. Na tentativa de uma melhor compreensão da ocorrência desse fenômeno, buscou-se fazer um levantamento bibliográfico sobre a temática do preconceito, para embasar o estudo exploratório e de campo. Participaram desta pesquisa 42 acadêmicos do curso de Psicologia, de ambos os sexos, de uma Instituição de Ensino Superior Privada da cidade de Cascavel - PR. Para a coleta de dados, utilizou-se uma escala social tipo Likert, de cinco pontos, contendo 33 enunciados que respondem aos objetivos da pesquisa. Os resultados foram analisados de forma quantitativa, com o intuito de demonstrar como o fenômeno é expresso, e qual a sua ocorrência. Com base nos resultados obtidos, percebeu-se que, de uma forma geral, a média das respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa não demonstra a presença de preconceito, embora, isoladamente, alguns participantes da pesquisa tenham emitido respostas preconceituosas. A pesquisa chega a resultados semelhantes as de outras investigações sobre o assunto na atualidade, indicando uma possível utilização ou mascaramento do preconceito.

PALAVRA-CHAVE: Preconceito; Acadêmicos de psicologia; Prática profissional.

ABSTRACT: This research brings up a discussion with respect to prejudice as well as how it is understood in a number of areas of the human knowledge, the kinds and manifestation. The purpose of this paper was to understand whether psychology students present any signal of prejudice regarding gender, social status, race, sexual orientation and professionals of sex. This was proposed basically as it is understood the importance of reviewing the prejudice attitudes by future professionals of psychology as they may interfere with their professional attitudes in the attempt to better understand such phenomenon. Literature review with respect to prejudice was carried out in order to support the

¹ Bacharel e Licenciada no curso de História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE;

Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense/UNIPAR. andynhapsico@hotmail.com

² Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense/UNIPAR. angelinha_ro@hotmail.com

³ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense/UNIPAR. francielli007@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense/UNIPAR. patytrycia@hotmail.com

⁵ Psicólogo, Psicoterapeuta, Professor Ms. da Universidade Paranaense/UNIPAR/Cascavel/Orientador. eduale@pop.com.br

study. Forty-two psychology students, both genders, from a private institution in Cascavel – PR took part in the research. For data collection, we used the 5-point Likert-type scale with 33 statements meeting the research objectives. The results were qualitatively analyzed in order to show how the phenomenon is demonstrated, how often it occurs. Based on the results, we noticed in that the average answers from the individuals do not indicate the occurrence of prejudice, although some participants gave prejudiced answers. The research the results is similar to other current investigations on the same topic what indicates the possible utilization or making of prejudice.

KEYWORDS: Prejudice; Psychology students; Professional practice.

INTRODUÇÃO

O preconceito é discutido a partir de diversas áreas do saber humano, sendo que de uma forma geral ele é entendido como um conceito antecipado, juízo estabelecido de compreensão prévia, um conceito formado anteriormente (FERREIRA, 1998). Desta forma, esta pesquisa visa apresentar uma discussão sobre este tema entre acadêmicos do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior Privada, da cidade de Cascavel-PR.

Nos cursos de graduação em Psicologia, é comum haver discussões que contemplem as investigações acerca do fenômeno social conhecido como preconceito. Discutem-se nas salas de aula as conseqüências sociais e emocionais que incidem sobre as pessoas, vítimas do preconceito, bem como algumas das motivações das pessoas que fazem de seu uso uma prática social comum. Entretanto, o que se questiona é se há mesmo entre alunos, futuros psicólogos, temos a dimensão de nossa implicação pessoal e social relativa a este tema comum.

Isso remete à necessidade de compreensão de como se torna importante para estudantes de Psicologia se despir de preconceitos, para que sua futura prática profissional seja mais efetiva, verdadeira e ética.

O preconceito sempre existiu, porém o preconceito acabou tomando formas mais sutis, sendo mais difícil a sua identificação. Esta dimensão assumida pelo preconceito atualmente torna importante o trabalho desta temática entre acadêmicos de Psicologia, para que se proponham estratégias de intervenção, no sentido de desconstruir estigmas. Diante desta problemática, propõe-se uma discussão sobre o preconceito entre acadêmicos de Psicologia. Partiu-se da reflexão de que o sujeito que se desvia do padrão de ser “normal” sofre preconceito.

A atuação do psicólogo deve primar pela compreensão, pelo respeito à diferença, melhoria de

qualidade de vida. Para tanto, é imprescindível que sejam minimizados os preconceitos por parte dos profissionais desta área.

A relevância deste estudo é que seja um instrumento que estimule acadêmicos de Psicologia a pensarem sobre seus preconceitos, para que as intervenções não acabem por reproduzir atitudes preconceituosas e, conseqüentemente, discriminativas e excludentes.

Com base nas considerações acima citadas, o presente estudo objetivou compreender se acadêmicos de Psicologia manifestam algum tipo de preconceito com relação a Gênero, Classe Social, Raça, Orientação Sexual e Profissionais do Sexo.

Para tanto, foram traçados como objetivos específicos, analisar quais são os tipos de preconceitos – dentre os pesquisados – mais manifestados pelos alunos; analisar a manifestação do preconceito de acordo com a Idade, Religião e Sexo e, comparar o nível de preconceito entre as turmas de primeira a quinta séries do curso de Psicologia de uma instituição de ensino superior da cidade de Cascavel-PR.

História do Preconceito

Desde a Grécia Antiga pode ser observado que o preconceito e a segregação já deixavam suas marcas na história da humanidade. Neste período, alguns gregos dedicavam-se às artes, à política, ao treinamento militar, às ciências e à filosofia, eram uma parte dita seleta da população. A outra parte, uma enorme legião de não-gregos, tidos como bárbaros, fazia o trabalho manual, pesado, nisso já se percebia distinção de classes (BENTO, 2005).

Para esta mesma autora, outra questão relevante a se destacar, quando se fala em preconceito, é que a própria noção de cidadania e de quem tinha acesso a ela já era bastante restrita, pois mulheres, aqueles que não eram nascidos na Grécia e quem tinha pouco patrimônio, não tinham acesso às questões do mando e do voto, sendo que esta forma de legislar tornava a democracia como direito de poucos, fazendo diferenciações claras de quem era ou não cidadão.

Bento (2005) destaca que, séculos depois, essa idéia de diferenças naturalizadas entre homens ressurgiria na Europa. Tal constatação estaria baseada e fundamentada nos estudos realizados pelo biólogo Charles Darwin, que publicou em sua obra “A origem das Espécies” – baseada a partir de seus estudos realizados em plantas e animais – uma teoria da seleção natural. O autor acima citado acredita que “na natureza sobrevivem e dominam as espécies fortes. Existiriam, portanto espécies fortes e

espécies fracas” (p. 25).

A história do preconceito, tal qual parece ser conhecida hoje, possui também amplas relações com a história da escravidão – não só negra, como indígena – e suas variáveis implicadas no processo. Dessa forma, o Brasil, como outros países da América Latina e os Estados Unidos, conheceram um longo período de escravidão, que oficialmente perdurou até 1888 (ROSEMBERG, 1998).

No que se refere aos primeiros estudos sobre o preconceito, segundo Gomes (2003), na década de 1910, os afro-americanos que pretendiam imigrar para o Brasil tiveram sua entrada barrada, pois o objetivo era o de branquear a nação, com a vinda para o país, de brancos europeus.

Esta questão do branqueamento resultou na ‘política de imigração’, para fazer uso não mais do trabalho de negros, mas de brancos, e também para que se fixasse no país apenas a população branca, que seria diferente nos aspectos psicológicos, somáticos, mentais e culturais (GUIMARÃES, 2004).

Pouco tempo antes da notícia de intenção de entrada dos afro-americanos, havia sido aprovada uma lei conhecida por “lei dos indesejáveis” que proibia idosos, prostitutas e pessoas com deficiências mentais ou físicas de entrarem no Brasil, bem como falava que políticos ativistas poderiam ser expulsos. Essa lei visava impossibilitar a entrada de pessoas que não iriam trabalhar e/ou causar desordem (GOMES, 2003).

Segundo o mesmo autor, no ano de 1921 o deputado Cincinato Bezerra apresentou um projeto de lei que propunha estimular a imigração de europeus; porém russos, japoneses e turcos-árabes não seriam bem vindos, sendo apenas os agricultores convenientes ao país.

Assim, se pôde observar que a história do preconceito, tal como ela se apresenta, possui ampla relação com a conjuntura econômica, política, social e cultural.

Definições de Preconceito

Diferentes autores buscam definir o que é preconceito. Apesar de divergirem em alguns aspectos, todos são unânimes ao definir que ele é um conceito antecipado de julgamento do outro.

Considera-se preconceito, segundo Falcão et al. (2004, p. 632), “(...) qualquer tipo de ameaça à dignidade humana partindo do gênero, opção religiosa ou sexual, nacionalidade, etc. (...)”. Segundo os mesmos autores, “(...) o preconceito moderno nunca é consciente e proposital e manifesta-se de uma maneira mais sutil, como, por exemplo, por meio

de preferências pelo que é conhecido, semelhante e satisfatório” (FALCÃO et al., 2004, p. 631).

O preconceito também pode ser entendido como conhecimento a respeito do outro (TAUSSIG, 1999 apud BANDEIRA e BATISTA, 2002). Existem autores para os quais conhecer o outro sempre envolve preconceito, ou seja, infere-se, não existindo o preconceito – manifesto como violência – nos inter-relacionamentos (BATISTA e BANDEIRA, 2002).

Neste sentido, Taussig (1993 apud BANDEIRA e BATISTA, 2002) diz que qualquer construção da alteridade envolve preconceito. Sendo assim, segundo o mesmo autor, preconceito é entendido como uma “construção do outro, de uma alteridade a partir da própria neutralização desse outro/alteridade. Assim, outorgar significado ao outro é um processo que se dá devido à eliminação da resistência que esse outro pode representar e operar” (s/p).

Bandeira e Batista (2002) entendem que, tanto para Taussig (1993) como para Goffmann (1988), o preconceito é uma maneira racional de controle social, que torna possível a distância entre sujeitos diferentes. Tais pensamentos levam a contradições, pois a classificação de inferir se dá com base em explicações pouco relacionadas às verdadeiras ações dos que são discriminados. Entretanto, Bandeira e Batista (2002) entendem o preconceito como uma violência inerente ao comportamento para com o diferente, o que seria uma consequência do mundo moderno.

Já para Aronson, Wilson e Akert (2002), o preconceito é uma atitude e essa forma de proceder é composta por três elementos: um componente afetivo ou emocional, apresentado pela emoção conectada à atitude (como por exemplo, alegria e medo); um componente cognitivo, relacionando as crenças ou pensamentos; um componente comportamental, que envolve as ações do sujeito.

Nesse sentido, para os mesmos autores, a palavra preconceito remete-se à estrutura ampla da atitude e ao seu componente emocional. O mesmo pode estar ligado às emoções positivas e negativas. Preconceito é conceituado como uma atitude não positiva contra pessoas de um grupo que não se identifica, fundamentado apenas por pertencer ao grupo, ou seja, um sujeito que tem preconceito contra homossexuais, vai atribuir a todo o grupo as mesmas características, achando que todos os homossexuais são iguais.

Também entre as diferentes áreas das ciências humanas percebe-se que os conceitos encontrados, a respeito da palavra “preconceito”, aproximam-se. Neste sentido, para a Psicologia, segundo Adorno et al. (1978 apud DORSCH, 2001),

o preconceito é

(...) uma atitude (formação de opinião) próxima do estereótipo, que mal se funda em experiência (informação, conhecimento objetivo) e tanto mais em formações imaginadas ou generalizações subjetivas de opiniões, etc. É característico do preconceito também a persistência irrefletida, inflexível e resistente e a ação em sua maioria destrutiva (raramente benéfica) (...) (p. 688).

De forma semelhante, a Filosofia, segundo Mora (2001), entende que o preconceito é um empecilho para a correta compreensão ou julgamento de algo. Então, hipotetizou-se a necessidade de se desfazer dos preconceitos, o que seria possível a partir do momento em que se tem conhecimento dos mesmos. Idéias contemporâneas da Filosofia consideram que “o preconceito, tal como a tradição, não fecha, ou não fecha necessariamente o campo da compreensão, mas abre-o” (GADAMER apud MORA, 2001, p. 2350). A pessoa, para participar de uma cultura, necessita desenvolver o sentimento de pertença, o que leva Gadamer (s/d apud MORA, 2001) a dizer que os juízos que a pessoa faz contam da história da mesma.

Já para a Sociologia, “o preconceito é uma atitude cultural positiva e negativa, dirigida a membros de um grupo ou categoria social (...), combina crença e juízos de valor com predisposições emocionais positivas ou negativas” (JOHNSON, 1997, p. 180). Um exemplo disto, seriam as idéias distorcidas (a respeito da inteligência e do caráter) que acompanham o preconceito racial e os sentimentos, como o menosprezo e hostilidade, que predis põem uma raça a oprimir a outra e entender que a sua é superior. Neste sentido, o preconceito é o alicerce da discriminação (JOHNSON, 1997).

Assim, percebe-se que, apesar de existirem uma série de opiniões quanto à definição de preconceito, este conceito está vinculado às nossas atitudes, cognição e emoção, sendo que muitas vezes, não percebemos o quanto nos utilizamos dos julgamentos pré-estabelecidos e o quanto se torna difícil rever tais conceitos, mesmo com o acréscimo de experiências novas e incompatíveis com a do preconceito.

Causas do Preconceito

Quando se propõe a refletir sobre as possíveis causas do preconceito, deve-se levar em consideração todo o contexto histórico e social que fomentou, fomenta, e continuará a sustentar a idéia de diferença, inferioridade versus superioridade, de

capaz versus incapaz, dominado versus dominante.

A causa principal do preconceito, conforme Bandeira e Batista (2002), toma base nas diferenças anatômicas e psicológicas, nos aspectos sociais e culturais e no simbolismo. Ao ser considerada a aparência física, formula-se uma visão do outro, que, ao ser lembrado, motiva a utilização dos sentidos daquele que o observa, não se resumindo à racionalidade, mas envolvendo todo o corpo – racionalizam-se as emoções e o pensamento é atribuído ao corpo.

Outra possível explicação para o preconceito é que cada sociedade tem uma economia política de verdade e que esta é objeto de imensa difusão e consumo. Os enunciados que ela escolhe, como verdadeiros ou não verdadeiros, estão diretamente vinculados à forma do discurso científico. A ciência se torna a conhecedora e instituidora de verdades, sendo as instituições responsáveis por legitimá-las como tal, produzindo assim, a legitimidade destas e suas articulações com as redes de poder Foucault (1979 apud FRANÇA, 1998).

França (1998) ressalta que essa categoria do saber e a postura que a ciência assume na sociedade atual fazem com que se estabeleçam padrões de certo e errado, de aceito e não aceito, estabelecem a normalidade e a anormalidade em todas as instâncias do social. Essas configurações, por sua própria natureza, acabam produzindo formas de apartamento e preconceito.

Segundo Nieto (1996 apud CAVALHEIRO, 2001), as escolas podem ser percebidas como instituições sociais que respondem às demandas da sociedade, isto significa pensar também que esta (a escola) reflete e reproduz o que nesta é determinado. Tal perspectiva implica refletirmos que de certa forma, então, se uma sociedade é preconceituosa, existe também uma escola dita preconceituosa, na medida em que comunga e reproduz certos valores e estigmas.

Várias são as causas do preconceito, que fundamentalmente perpassam um caminho de diferenças psicológicas a físicas e biológicas, tendo como ponto de partida e referência a comparação.

Ou seja, o diferente, o outro, nunca é visto por ele mesmo e dentro de suas possibilidades, mas sim, comparado a outras habilidades e potencialidades. Esta perspectiva de encarar a diferença, por sua vez, acaba por acentuá-la ainda mais, sustentando formas de preconceito e de suas manifestações.

Considerações Sobre Alguns Tipos de Preconceito e sua Manifestação

Diversos autores relatam diferentes tipos de preconceitos, que podem se manifestar de diferentes formas. Uma delas é o Racismo. Para Cunha (1992 apud CAVALHEIRO, 2005) o racismo é uma prática que reproduz, na consciência social coletiva, um amplo conjunto de falsos valores e de falsas verdades e torna os resultados da própria ação como comprovação dessas verdades falseadas.

Com relação ao preconceito de Classe Social, Véras (s/d apud SAWAIA, 2001) ressalta que a noção de pobreza muitas vezes é entendida principalmente com relação à renda, que apresenta também, os processos pelos quais os indivíduos e grupos são excluídos das trocas sociais, das práticas componentes e dos direitos de inserção no meio pessoal e social.

De acordo com Castro (1993 apud MOLINA, 2003), dentre as novas lógicas das relações de trabalho, estabelece-se que o próprio corpo pode ser usado como instrumento trabalhista, como fonte de renda, como propriedade que pode ser vendida, alugada, com fins mercadológicos de lucro, por necessidades. Com relação a isto, Foucault (1997) discorre que o corpo, sendo percebido como o templo de Deus, como uma dádiva que não pode ser profanada, vendida ou alugada, deve ser preservado honradamente. A isto se acrescenta que tais atitudes podem levar ao preconceito para com Profissionais do Sexo.

Na perspectiva do preconceito de Gênero, Nolasco (1990 apud FILHO, 2005) fala que alguns comportamentos são conceituados culturalmente como sendo de posse de um ou outro sexo, dos quais o homem e a mulher precisam fazer parte para serem reconhecidos como macho ou fêmea.

Conforme Swain (s/d apud FILHO, 2005), criou-se uma identidade binária do mundo e das relações de gênero, que apontam a masculinidade e a feminilidade como termos contrários. Mesmo que se complementem, ambos podem conviver, porém nunca um no outro. As características valorizadas femininas são positivas se achadas em mulheres, o mesmo ocorre com os homens em relação às mulheres.

No que se refere à Homossexualidade, Segundo Silva (2003), na Grécia Antiga, esta era uma prática comum. É no final do Século XVII que se procurou diagnosticar a homossexualidade como "homossexualismo", como uma doença patológica, portanto, curável.

Na contemporaneidade, segundo o

mesmo autor acima citado, o preconceito contra a homossexualidade é muito mais violento e agressivo, embora sendo manifestado de maneira mais simbólica, talvez por conta das leis, e do estereótipo de que "preconceito é feio".

As diferenças sempre existiram em nossa sociedade, mas a questão é que quando pensamos em torná-las como referências a traços desqualificadores, ostentamos uma pretensão maior, em detrimento das minorias (SILVA, 2003). O resultado disto é cada vez mais um mundo onde o lugar para as diferenças encontra-se reduzido.

O Preconceito entre Acadêmicos

No que se refere aos estudos anteriores sobre o preconceito entre acadêmicos, Crochík (2005) realizou um estudo buscando perceber a influência da ideologia contemporânea na personalidade dos sujeitos a esta sociedade pertencentes.

Participaram do estudo 47 estudantes de Administração de Empresas, e 92 estudantes de Psicologia de uma universidade paulista. Neste estudo, foi avaliado se há relação entre a personalidade, ideologia e o preconceito. A idade dos sujeitos participantes variou de 18 a 23 anos, sendo a amostra composta por 60 sujeitos do sexo masculino e 79 do sexo feminino.

Buscando detalhar melhor o estudo, Crochík (2005) acrescenta que foram divididos os sujeitos participantes da pesquisa em quatro grupos: AM – estudantes de Administração do sexo masculino (n = 35); AF – estudantes de Administração do sexo feminino (n = 12); PsiM – estudantes de Psicologia do sexo masculino (n = 25); e PsiF – estudantes de Psicologia do sexo feminino (n = 67).

Para a realização da pesquisa, Crochík (2005) utilizou-se de um questionário com dados sócio-demográficos dos participantes, cor da pele, e perguntas sobre se os sujeitos tinham deficiência física, e/ou como se relacionavam com pessoas portadoras de alguma forma de deficiência, dando em ênfase à mental. Utilizou-se também da escala F, construída por Adorno (1940), Frenkel-Brunswki, Levinson e Stanford (1950), uma escala de posicionamento político, de ideologias da racionalidade tecnológica e de características da personalidade, respectivamente.

A partir disto, alguns resultados mais expressivos foram obtidos. O primeiro deles, foi que, de uma forma geral, tanto em Administração quanto em Psicologia, percebeu-se que o social interfere nas configurações psíquicas existentes, e por assim dizer, na forma e manifestação dos

preconceitos. Este resultado, na opinião de Adorno et al. (1950 apud CROCHÍK, 2005), ocorre, porque, conforme já apontado, os sujeitos sociais têm a sua personalidade mediada pelo contexto histórico-social que a comporta. Dito de outra forma, os sujeitos sociais da contemporaneidade têm uma maneira singular de perceber e manifestar seus preconceitos, pois a estrutura da sociedade atual possui também influência em nossas percepções do mundo e do outro.

O resultado acima exposto possui fortes ligações com o que se segue, em que se observou que os escores médios e gerais obtidos nesta pesquisa, tanto em Administração, quanto em psicologia, foram baixos (média 2,5) quando comparados ao ponto médio da pesquisa, que foi 4 pontos. Isto porque os sujeitos que participaram da pesquisa de Adorno et al. (1950 apud CROCHÍK, 2005) tiveram entre 3 e 4 como escore médio. Na perspectiva de Crochík (2005), tal resultado se deve ao fato de uma diminuição do preconceito flagrante, que tem sido sistematicamente substituído pelo preconceito sutil, ou simbólico.

Segundo Crochík (2005), ainda com relação aos resultados, obteve-se que os estudantes de Administração de Empresas apresentaram escores significativamente maiores do que os dos seus colegas de Psicologia, no que se refere à forma e expressão do fenômeno estudado, que é o preconceito. Para o mesmo autor, este resultado pode ser devido às diferenças de necessidades e motivações que as características específicas de cada profissão exige.

Por outro lado, um dos resultados mais polêmicos, que não é fácil explicar, é porque alunas de psicologia tiveram escores maiores do que seus colegas do sexo masculino. Na opinião de Crochík (2005), para compreender a relevância deste resultado seria necessário que novas pesquisas fossem feitas com o mesmo intuito. O autor não se aprofundou neste dado, pois não era o objetivo da pesquisa, ele foi trazido como um ponto em que ainda se tem a necessidade de exploração e investigação do assunto. Quanto a este resultado, nem mesmo se podem formular hipóteses, dada a complexidade do fenômeno estudado, a subjetividade e singularidade dos próprios sujeitos que participaram da mesma, e o momento atual de aplicação do questionário e das escalas.

Na conclusão geral do trabalho, Crochík (2005) pôde averiguar que, de fato, tanto ideologia, quanto personalidade, são variáveis importantes na constituição do sujeito. E que, todo o pesquisador que deseja conhecer as possíveis mediações que interferem no fenômeno que estuda, no fenômeno em questão, precisa, antes de tudo, conhecer o contexto

histórico social que o cria e fomenta.

Outro estudo, proposto por Lacerda, Pereira e Camino (2002), com universitários de João Pessoa, procurou observar e compreender como se dá a configuração do preconceito, de acordo com a atual atividade acadêmica dos sujeitos participantes da pesquisa.

Este estudo, dos autores acima citados, tendo como objetivo central investigar a questão do preconceito contra a homossexualidade, buscou-se avaliar e estudar as formas como estes universitários expressam seu preconceito e a relação desse (preconceito) com as explicações sobre a homossexualidade.

Com o propósito de atingir os objetivos da pesquisa, Lacerda, Pereira e Camino (2002) destacam que foram aplicados 220 questionários aos alunos de uma universidade pública. Nos resultados encontrados, pôde-se categorizar a tipologia encontrada nos acadêmicos em flagrantes, sutis e não preconceituosos. Pretendeu-se confirmar a alternativa de classificar as várias explicações em cinco possíveis modelos que explicam a homossexualidade, são eles: biológico, psicológico, psicossocial, religioso e ético-moral.

Para os mesmos autores, os resultados da pesquisa revelam que o grupo dos preconceituosos flagrantes está vinculado aos estudantes de engenharia, que dão explicações ético-morais e religiosas e que não concordam com explicações psicossociais, enquanto o grupo dos não preconceituosos liga-se às mulheres e aos estudantes de psicologia, que dão explicações psicossociais e não concordam com as explicações ético-morais e religiosas. O grupo dos preconceituosos sutis vincula-se aos estudantes de medicina e às mulheres, que explicam de forma biológica e psicológica e não concordam com as explicações psicossociais e ético-morais. Assim, do total de acadêmicos analisados, mais de três quartos foram categorizados como preconceituosos, sendo que metade foram vistos como flagrantes e metade sutis.

O que pode se constatar é que o tipo de atividade acadêmica realizada pelos sujeitos participantes da pesquisa, e descritas também por Crochík (2005) como motivações e necessidades próprias de cada profissão, influencia na forma com que o fenômeno do preconceito é configurado e manifestado. A partir disto, percebe-se como um dos resultados mais importantes a forma com que eles se utilizam de seu aparato acadêmico para buscar explicar a homossexualidade.

É neste sentido que estudos, como os apresentados anteriormente, têm como objetivo

debater em que medida a trajetória acadêmica influencia na criação, ou propiciação de atitudes preconceituosas.

Metodologia

Esta pesquisa caracterizou-se como exploratória, com uma pesquisa de campo da qual participaram 42 acadêmicos do curso de Psicologia, de ambos os sexos, de uma instituição de ensino superior da cidade de Cascavel-PR. Para selecionar os participantes da amostra, foram selecionados 20% dos acadêmicos de cada uma das cinco turmas.

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento, uma escala social do tipo Likert, contendo 33 enunciados que respondem aos objetivos da pesquisa. Dentre eles, oito que abordam o tema Gênero; seis de Classe Social; seis referentes à Raça; sete de Orientação Sexual; seis sobre Profissionais do Sexo. O instrumento incluiu também alguns dados sócio-demográficos dos participantes, que se encontram na tabela abaixo.

Tabela 1: Dados Sócio-Demográficos da Amostra (N = 42)

	Frequência	%
Sexo		
Feminino	37	88,10
Masculino	5	11,90
Idade		
17 - 20	23	54,76
21 - 25	12	28,57
26 - 30	2	4,76
31 - 42	5	11,91
Estado Civil		
Solteiro	38	90,48
Casado	3	7,14
Separado	1	2,38
Filhos		
Tem dois filhos	2	4,76
Tem um filho	4	9,52
Não tem	36	85,72
Escolaridade		
Ensino Superior Incompleto	39	92,86
Ensino Superior Completo	2	4,76
Pós-Graduação	1	2,38
Profissão		
Não informaram	5	11,90
Acadêmicos	26	61,90
Profissões variadas	11	26,20
Renda		
0 – 3 Salários Mínimos (s.m.)	22	52,38
4 – 6 s.m.	3	7,14
7 – 10 s.m.	2	4,76
Não informaram	15	35,72
Religião		
Católicos	31	73,82
Evangélicos	4	9,52
Luteranos	1	2,38
Não possuem religião	3	7,14
Não informaram	3	7,14

Fonte: Pesquisa de Campo, Maio de 2007.

Participantes

Os participantes foram selecionados a partir

do seguinte critério: ser aluno do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Cascavel - PR. No entanto, a escolha destes se deu de forma aleatória e a adesão à participação no estudo foi voluntária, sem qualquer pressão ou coação.

Procedimentos

A amostra utilizada nesta pesquisa é a do tipo probabilística aleatória, na qual, “os elementos de uma população devem ter uma probabilidade igual ou conhecida, distinta de zero, de ser selecionados para formar parte da amostra” (RICHARDSON, 1999, P. 161). Com esses procedimentos de escolha dos participantes, a amostragem foi do tipo proporcional estratificada, por obter os elementos da amostra na mesma proporção em todos os estratos da população considerada (CRESPO, 2002).

Após o consentimento do participante escolhido, foi solicitada a leitura do termo de consentimento e, após sua assinatura, foram distribuídos os questionários – no caso dos participantes menores de idade, foi entregue um termo de consentimento dirigido aos pais ou responsáveis, autorizando-os a participarem da pesquisa.

Análise dos Dados

Os dados do presente estudo foram analisados de forma quantitativa, sendo levadas em consideração a associação de algumas das variáveis sócio-demográficas com as respostas dos participantes.

Esses dados foram agrupados de modo a analisar a frequência das respostas e analisá-las de acordo com as variáveis Série, Idade, Religião e Sexo.

Para cada uma das 33 questões, havia 5 alternativas de resposta: de peso 1 (um), 2 (dois), 3 (três), 4 (quatro) ou 5 (cinco) – a saber, um e dois representava respostas não preconceituosas, três neutralidade e, quatro e cinco, respostas preconceituosas –, para cada um dos cinco tipos de preconceito considerados nesses estudo. Este procedimento foi feito para cada participante e, posteriormente, agrupado nas quatro variáveis em estudo (Série, Sexo, Religião e Faixa-etária).

Tal procedimento forneceu a frequência simples (fi) que, segundo Feijoo (1996, p. 36), “indica o número de vezes em que aparece um determinado resultado”, tornando possível obter a Média, que é

“(…) um valor que pretende ser o resumo de todos os valores da distribuição” (op cit., p. 46). Para o cálculo das Médias, utilizou-se o Programa Excel, sendo esta medida (Média), apresentada e analisada nos resultados do trabalho.

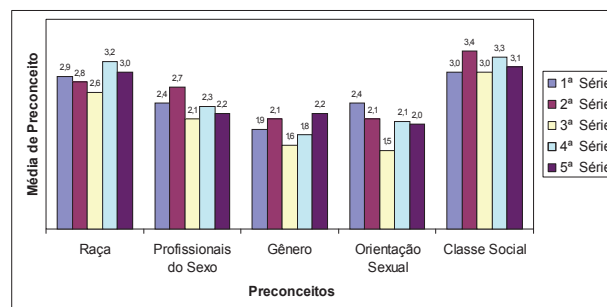
O levantamento dos fatores de influência sobre os diferentes tipos de preconceitos foi feito através de testes estatísticos, realizados com o Software MINITAB, que teve como modelo de comparação o teste de Tukey⁶. Este procedimento foi utilizado para verificar se as variáveis Sexo, Idade, Religião e Série influenciaram ou não as respostas dos participantes, com a tolerância de 5% de erro e de 95% de confiança.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Com base nos resultados do presente estudo, são apresentadas a seguir as médias obtidas a partir da aplicação da escala Likert. Os níveis de respostas variaram entre 1 e 5, sendo que, quanto mais próximo de 1, menor o indicativo de respostas preconceituosas e quanto mais próximo de 5, maior o preconceito.

Buscou-se analisar se as variáveis Sexo, Idade, Religião e Série dos participantes influenciaram na manifestação ou não das médias de respostas, nos cinco tipos de preconceito em estudo. Assim, os resultados encontrados podem ser verificados nos gráficos a seguir.

GRÁFICO I - Manifestação de preconceito de acordo com a série



Fonte: Pesquisa de Campo, Maio de 2007.

Analisando a manifestação do preconceito, de acordo com a variação da Série⁷, pôde-se perceber no Gráfico I que as médias aritméticas alcançadas indicam uma baixa tendência ao preconceito ou respostas neutras, quando as respostas são comparadas de acordo com a variável “Série”.

⁶ Para maiores informações sobre este teste, pesquisar em COSTA Neto, Pedro L. de Oliveira. Estatística. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

⁷ Série nesse caso refere-se ao ano de graduação do acadêmico, a saber, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª série.

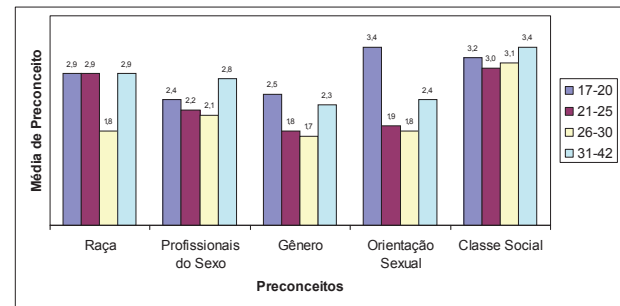
Ainda assim, um fator significativo é que houve certa constância das médias de respostas, que ficaram entre 3,0 e 3,4, no preconceito de Classe Social, que obteve os maiores escores médios neste gráfico. Tal fato pode estar relacionado ao que dizem Bandeira e Batista (2002), segundo os quais o preconceito tem como uma de suas causas, diferenças sociais e culturais, muitas vezes sem um questionamento racional. Outro autor que discute esta temática é Sawaia (2001), que destaca que a pobreza permeia os demais preconceitos, permite inferir que ter este tipo de preconceito, representa uma tendência expressiva e favorável à valorização do bem material como meio de inserção mais significativa no meio social.

Ainda com relação aos cinco tipos de preconceito, o de Gênero foi o menos manifestado, considerando-se todas as Séries. Cabe ressaltar que a questão de Gênero tem sido discutida a partir da perspectiva do direito das mulheres e de uma maior transitoriedade de papéis destas, saindo do privado e habitando cada vez mais o espaço público. Por outro lado, cabe destacar que boa parte dos alunos de psicologia é do sexo feminino, o que implica em refletir sobre uma maior flexibilidade do que se espera dos papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres (SCOTT 1990 apud FILHO, 2005).

Outro dado significativo deste gráfico é que em todos os cinco tipos de preconceito, a 3ª Série foi a que obteve a menor Média de respostas. Isto pode ser explicado devido ao fato de que, é no 3º ano do curso que é ministrada a disciplina que contempla discussões relacionadas à diversidade e inclusão, o que pode ter feito com que estes participantes tenham manifestado um menor número de respostas preconceituosas e, conseqüentemente, tenham obtido a menor média de forma geral.

Formalmente não foram levantadas hipóteses que norteavam o estudo, no entanto, anteriormente à análise dos dados, acreditava-se que pudessem existir valores indicativos de respostas mais preconceituosas no primeiro ano do curso e valores menos indicativos no último ano, já que possivelmente seria mais aceitável socialmente que um estudante do curso de Psicologia manifestasse preconceito no início do curso, e conforme fosse avançando no mesmo, algumas possíveis idéias preconceituosas fossem diminuindo. Porém, como visto no gráfico acima, esta hipótese não foi verificada na análise dos dados.

GRÁFICO II - Manifestação de preconceito de acordo com a Idade



Fonte: Pesquisa de Campo, Maio de 2007.

No Gráfico II, foi considerada a variável Faixa-etária dos participantes da pesquisa, que se apresentou entre 17 e 42 anos. Um fator que parece significativo é que, mesmo que ainda não se caracterize como manifestação de preconceito, novamente em Classe Social se obtiveram as maiores médias, que variaram entre 3,0 e 3,4 para as diferentes Faixas-etárias.

Destaca-se que, embora o preconceito de Classe Social tenha obtido valor mais alto, estas médias ainda não são consideradas manifestação de preconceito, visto que, considera-se preconceito a partir de médias de valores 4 e 5.

As respostas no que se refere ao preconceito de Raça mostram-se similares em três das quatro Faixas-etárias, que obtiveram Médias iguais a 2,9.

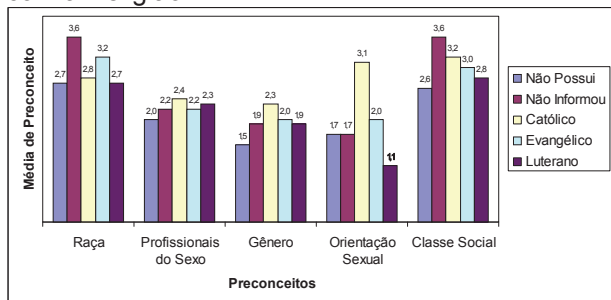
A terceira maior média de respostas foi verificada no preconceito de Orientação Sexual. No entanto, estas apresentam uma aparente variação entre as diferentes faixas-etárias, a mais alta sendo apresentada pelos participantes entre 17-20 anos (3,4) e mais baixa daqueles que estavam em idade entre 26-30 anos.

Outro fator que se repete nos diferentes tipos de preconceito, é que as Faixas-etárias dos 17-20 (médias variando entre 3,4 para a mais alta e 2,4 para a mais baixa) e dos 31-42 (médias variando entre 3,4 para a mais alta e mais a baixa 2,3) apresentam as maiores médias nos cinco tipos de preconceito.

Analisando-se o gráfico de uma forma geral, constatou-se que as médias mais baixas foram dos participantes na faixa-etária de 26-30 anos, tendo estes como média mais alta 3,1, em Classe Social e nos demais preconceitos estas variaram entre 1,7 e 2,1. Uma possível inferência para esta faixa-etária ter obtido as médias mais baixas, é que tal atitude pode estar relacionada ao fato de este ser um grupo no qual todos os participantes eram pessoas que trabalhavam, em contato com outras pessoas, tendo assim, maiores oportunidades de entrar em contato com o outro, e, portanto, de aprender a lidar com as

diferenças.

GRÁFICO III - Manifestação do preconceito de acordo com a Religião



Fonte: Pesquisa de Campo Maio, 2007.

O Gráfico III relaciona os resultados da pesquisa segundo as diferentes Religiões dos participantes. Neste, a média mais alta verificada foi 3,6 para aqueles participantes que não informaram se seguem ou não alguma religião.

Os escores que se destacam com a segunda maior pontuação no Gráfico III foram 3,2 em Raça, para os Evangélicos, 3,1 em Orientação Sexual e 3,2 em Classe Social, essas duas últimas médias para os Católicos.

Com referência a esse resultado de Católicos, para com Orientação sexual, cabe salientar que apesar de este resultado ser o maior dentre os demais grupos, ainda não atingiu a média que indica presença de preconceito. No entanto, ainda pode-se pensar sobre o fato de os Católicos terem apresentado uma média maior, quando comparados aos demais grupos, com relação a este resultado. É de conhecimento popular que a Igreja Católica tem uma postura contrária à homossexualidade, percebida como um “desvio” ao natural, que deve ser a relação entre o homem e mulher e vice-versa.

Os valores mais baixos foram do grupo de participantes que disseram Não Possuir Religião, tendo suas médias, em todos os preconceitos, variando entre 1,5 e 2,7. Isto encontra referência em Pinsky (1993), segundo o qual opiniões a respeito do outro, podem ser passadas por tradições e costumes religiosos. Assim, o fato de não ter uma religião talvez possa ter colaborado para a não manifestação de respostas preconceituosas.

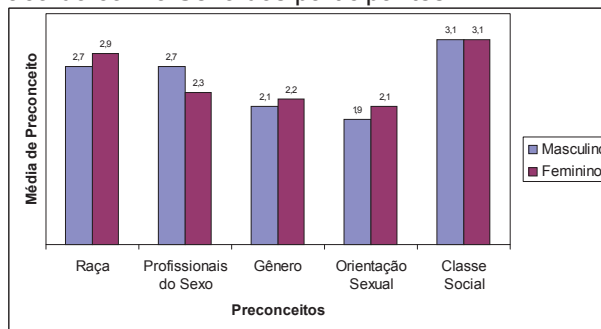
Neste gráfico também fica evidente que os preconceitos mais manifestos são de Classe Social (médias entre 2,6 e 3,6) e Raça (médias entre 2,7 e 3,6). Segundo Bandeira e Batista (2002), dentre outras características, a classe social e a raça são fatores que podem levar a atitudes diferenciadas, preconceituosas.

Nos preconceitos de Gênero e Profissionais

do Sexo, verificou-se que o escore mais alto foi 2,3 para o primeiro e 2,4 para o segundo. Esses valores indicam baixo número de respostas preconceituosas em todas as religiões consideradas, divergindo da opinião de alguns autores, como a de Bandeira e Batista (2002), ao entenderem que o gênero pode tornar-se alvo de preconceito. E, com relação a Profissionais do Sexo, este resultado Foucault (1997), o corpo é sagrado o habitat de Deus, e por isso não pode ser vendido ou alugado, o que não foi verificado nos resultados da presente pesquisa, já que as médias foram baixas.

Esses resultados podem indicar uma maior tolerância em relação aos profissionais do sexo na sociedade, haja vista que atualmente há meios institucionais para o reconhecimento dessa categoria como profissão como as outras, com direitos trabalhistas assegurados.

GRÁFICO IV - Manifestação do preconceito, de acordo com o Sexo dos participantes



Fonte: Pesquisa de Campo Maio, 2007.

O Gráfico IV se refere às médias de respostas relacionadas à variável Sexo dos participantes. Nos cinco tipos de preconceitos em estudo, encontrou-se uma relativa aproximação entre os escores de respostas dos participantes dos sexos Feminino e Masculino.

Dentro dessa pequena variação, a maior diferença foi no preconceito de Profissionais do Sexo (2,7 participantes do Sexo Masculino e 2,3 para o Sexo Feminino). Isto indica que possivelmente haja resquícios de uma sociedade machista que pode ter influenciado uma tendência mais expressiva por parte dos homens para com Profissionais do Sexo (SCOTT 1990 apud FILHO, 2005).

O preconceito que obteve os menores valores médios foi o de Orientação Sexual. Os participantes do Sexo Masculino tiveram como média 1,9 e os participantes do Sexo Feminino obtiveram 2,1. Comparando com as contribuições de Swain (s/d apud FILHO, 2005), há uma contradição, pois para o autor, comportamentos sexuais ou de afeto que

não seguem os padrões sociais, são excluídos dos padrões do que é entendido como “normal”.

Uma similaridade de opiniões foi verificada no preconceito de Classe Social (3,1), foi a média de respostas para ambos os sexos. Mais uma vez, o preconceito de Classe Social, embora sutil, é o que se mostra mais evidente perante os demais.

De uma forma geral, a partir dos resultados descritos no presente estudo, e observando-se os Gráficos I a IV, verificou-se que os escores médios de respostas dos participantes da pesquisa não indicaram presença de preconceito, porém, evidenciou-se em alguns valores uma maior tendência de respostas preconceituosas para com Classe Social e Raça.

De acordo com a Série, em Classe Social, o valor mais alto foi 3,4, verificados na 2ª Série, e em Raça 3,2 para a 4ª Série. Na variável Idade, a média mais alta foi 3,4 no preconceito de Classe Social, na Faixa-etária dos 31-42 anos e 3,4 no preconceito de Orientação Sexual, na Faixa-etária dos 17-20 anos. A média 2,9 foi verificada no preconceito de Raça nas faixas-etárias dos 17-20, dos 21-25 e 31-42 anos. Quanto à variável Religião, as médias mais elevadas foram 3,6 para Classe Social e Raça. Com relação à variável Sexo, as variáveis mais altas foram 3,1 em Classe Social e 2,9 em Raça.

De acordo com Sawaia (2001), estes resultados ressaltam que a pobreza permeia os demais preconceitos. A partir disso é possível refletir, ao menos em partes, a consideração sobre o preconceito moderno, tendo sua expressão de maneira cordial e sutil (CROCHÍK, 2005). Este resultado pode ser mais bem compreendido quando se considera que o “social interfere nas configurações psíquicas do sujeito”, e, na sociedade atual, tem-se uma cultura com postura claramente contrária ao preconceito (CROCHÍK, 2005).

Para o autor acima citado, este resultado vai de encontro com a perspectiva de que, na sociedade atual, há uma diminuição do preconceito flagrante e substituição deste por uma forma “mais aceita” e conveniente, que é a expressão de forma sutil, simbólica ou mascarada.

Outra forma com que podem ser analisados os resultados obtidos na pesquisa é a baseada no estudo de Lacerda, Pereira e Camino (2002), no qual, ao ser realizado um estudo com alunos de Psicologia, estes foram categorizados e percebidos como os não preconceituosos. Este resultado é confirmado na presente pesquisa, o que nos leva a um possível indicativo da ausência de preconceito por parte dos sujeitos que compuseram a amostra.

Este estudo pode também ser refletido a partir de outra perspectiva, de Crochík (2005), em que este

resultado pode ter estreita relação com o fato de que existem motivações e necessidades específicas e próprias para cada profissão, e no caso do psicólogo, espera-se que este tenha um manejo adequado para não impor seus valores a seus clientes e que isso não significa negá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado neste trabalho, o fenômeno do preconceito pode ser discutido a partir da percepção que, na sociedade contemporânea, este vem sendo manifestado de forma mascarada, como reflexo do próprio contexto histórico e social vivido, em que se tem um discurso maior de igualdade, direito às diferenças e sob a perspectiva de punição penal para o preconceito.

O tema “O Estudo exploratório sobre o Preconceito entre alunos de Psicologia” tem um significado social, e para, além disto, reflete a possibilidade de profissionais da Psicologia estarem revendo a sua própria forma de se posicionar subjetivamente perante o preconceito, que independe se aparece de uma forma mais flagrante ou sutil e mascarada.

Com base nos resultados obtidos na pesquisa, verificou-se que existe uma ausência de médias que indiquem presença de preconceito, mesmo quando relacionados aos tipos de preconceitos (Gênero, Classe Social, Raça, Orientação Sexual e Profissionais do Sexo) e as demais variáveis envolvidas, Série, Idade, Religião e Sexo.

Cabe salientar que, apesar de as Médias não terem atingido o nível que indica existência de preconceito, houve respostas isoladas que indicavam manifestação de respostas preconceituosas.

Tais resultados podem nos levar a considerar que, em uma academia, em um curso de psicologia, em uma sala de aula, não são incentivadas as situações sociais específicas que incitem a manifestação do preconceito. Portanto, esta amostra, em outras situações sociais, poderia emitir respostas preconceituosas.

Ainda com relação à ausência de valores médios que indiquem a presença de preconceito, ou seja, 4 e 5, é preciso considerar que, para os valores que ficaram no nível “3”, que indicam neutralidade, podem ser analisadas a partir da perspectiva de que isso já é uma forma de se posicionar e que, posicionando-se na neutralidade, conforme Crochík (2005), isto é justamente a forma de expressão do preconceito contemporâneo, ou seja, sutil e mascarado.

Por outro lado, não podemos deixar de

considerar que o fato de não existirem médias indicativas de respostas preconceituosas nesta pesquisa, reforcem os resultados dos estudos de Lacerda, Pereira e Camino (2002), em que os estudantes de Psicologia também não manifestaram preconceito.

Neste sentido, pode-se pensar que já há, por parte dos estudantes de Psicologia, uma postura mais neutra perante o “diferente”, ou seja, uma disponibilidade para trabalhar e lidar com as diferenças, encontrando referência em Crochík (2005), ao afirmar que cada profissão tem uma motivação específica.

Por outro lado, os resultados encontrados nesta pesquisa foram, de certa medida, surpreendentes, haja vista que a sociedade por vezes se mostra preconceituosa. Portanto, esperou-se que a manifestação do preconceito fosse mais flagrante, mas conforme já discutido, a forma sutil pode ser entendida como a própria expressão do preconceito na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ARONSON, E.; WILSON, T. D.; AKERT, R. M. Preconceito: causas e curas. In: **Psicologia social**. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 292-297.
- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X200200010007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2006. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100007.
- BENTO, S. M. A. **Cidadania em preto e branco**: discutindo as relações sociais. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CAVALHEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: contexto, 2005.
- CAVALHEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
- CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CROCHIK, J. L. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Estud. Psicol.** Campinas, set. 2005, v. 22, n. 3, p. 309-319. Disponível em: <http://pepsic.bvs-si.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2006.
- DORSCH, F.; HÄCKER, H.; STAPF, K.-H. **Dicionário de psicologia Dorsch**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 688-689.
- FALCÃO, L. C. et al. Preconceito e psicologia social. **Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás**, v. 31, n. 4, abr. p. 617-632, 2004.
- FEIJOO, A. M. L. C. de. **A Pesquisa e a estatística na psicologia e na educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- FERREIRA, A. B de H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FOUCAULT, M. O uso dos prazeres. In: **História da sexualidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v. 2.
- FRANÇA, M. A. S. Diferença e preconceito: a efetividade da norma. In: AQUIMO, G. J. **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
- GOMES, T. de M. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). **Estud. afro-asiát.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101546X2003000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2006. DOI: 10.1590/S0101-546X2003000200005.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol.** São Paulo, v. 47, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00347701200400010001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2006. DOI: 10.1590/S0034-77012004000100001.
- JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. p. 180-181.
- LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v.15, n.1,

2002.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. t. 3, p. 2349-2350.

PINSKY, J.; ELUF, L. N. **Brasileiro (a) é assim mesmo**: cidadania e preconceito. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

RICHARDSON, R. J. Medição de atitudes. In: **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEMBERG, F. Raça e desigualdade educacional. In: AQUIMO, G. J. **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, S. G. da. Preconceito no Brasil contemporâneo: as pequenas diferenças na constituição das subjetividades. **Psicol. Cienc. Prof.** v. 23, n. 2-5, jun. 2003.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero, onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

UN ESTUDIO EXPLORATORIO SOBRE EL PREJUICIO ENTRE ACADÉMICOS DE PSICOLOGÍA

RESUMEN: Esta investigación hace una discusión sobre el fenómeno del prejuicio, bien como la manera con que éste es comprendido en las diversas áreas del saber humano, sus formas y manifestaciones. El objetivo de esta investigación fue comprender si los académicos del curso de Psicología manifiestan algún tipo de prejuicio con relación al género, clase social, raza, orientación sexual y profesionales del sexo. Esta propuesta se da fundamentalmente, por ser conocida la importancia de reverse algunas posturas prejuiciosas por parte de los futuros profesionales de Psicología, ya que esto puede interferir en su actuación profesional. En la tentativa de una mejor comprensión de la ocurrencia de ese fenómeno, se buscó hacer un levantamiento bibliográfico sobre la temática del prejuicio, para embasar el estudio exploratorio y de campo. Participaron de esta investigación 42 académicos del curso de Psicología, de ambos los sexos, de una Institución de Enseñanza

Superior Privada de la ciudad de Cascavel – PR. Para la colecta de los datos, se utilizó una escala social tipo Likert, de cinco puntos, conteniendo 33 enunciados que responden los objetivos de la investigación. Los resultados fueron analizados de forma cuantitativa, con el intuito de demostrar como el fenómeno es expreso, y cual su ocurrencia. Con base en los resultados obtenidos, se percibió que, de una forma general, la media de las respuestas presentadas por los participantes de la investigación no demuestra la presencia del prejuicio, aunque, aisladamente, algunos participantes de la pesquisa tengan emitido respuestas prejuiciosas. La investigación llega a resultados semejantes a las de otras investigaciones sobre el asunto en la actualidad, indicando un posible enmascaramiento del prejuicio.

PALABRAS CLAVE: Prejuicio; Académicos de Psicología; práctica profesional.